

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**RESISTÊNCIA DA FAMÍLIA COM FILHO SURDO AO APRENDIZADO
DA LIBRAS**

REJANE MARIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**Recife
2009**

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**RESISTÊNCIA DA FAMÍLIA COM FILHO SURDO AO APRENDIZADO
DA LIBRAS**

REJANE MARIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

Monografia apresentada à Faculdade Santa Helena como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Maria Izabel de Melo Monteiro

**Recife
2009**

FACULDADE SANTA HELENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDOS SURDOS

REJANE MARIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

*RESISTÊNCIA DA FAMÍLIA COM FILHO SURDO AO
APRENDIZADO DA LIBRAS*

Monografia aprovada em 14/11/2009 para obtenção do título de Especialista.

Banca Examinadora:

Prof^a. Orientadora: Ms. Maria Izabel de Melo Monteiro

Prof^a. Ms. Maria Tereza de Mello Barreto Campelo

Prof^a. Ms. Liliane Vieira Longman

DEDICATÓRIA

A Deus, o Pai Supremo, que esteve sempre presente em nossos pensamentos e orações, fortalecendo-nos com a energia do seu Santo Espírito.

AGRADECIMENTOS

À nossa orientadora, Prof^a. Maria Izabel de Melo Monteiro, pela tranquilidade e competência que nos orientou.

A meu marido, meus filhos e amigos em especial a Cristina, Graça Pereira, Laurení e Renilde que estavam presentes em todos os momentos me incentivando, dando força e tolerando os estresses.

A Miguel Menino, pela paciência, formatação e digitação do trabalho.

A todos os professores que contribuíram direta e indiretamente no aperfeiçoamento deste trabalho.

À Liliane Longman e Teresa Campello responsáveis pela realização e sonho deste curso.

PENSAMENTO

"É preciso manter estratégias para que a cultura dominante não reforce as posições de poder e privilégio. É necessário manter uma posição intercultural mesmo que seja de riscos. A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural".

Perlin

RESUMO

Este trabalho é fundamentado na pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade construída coletivamente por estudantes e professores do curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, e enriquecido pela experiência da autora, professora de Surdo há dezenove anos, sendo um aprofundamento de um artigo escrito em 2006 e publicado em 2009 intitulado: “A resistência das famílias de surdos em aprender a Libras” (Nascimento e Marinho). É constituído de três capítulos: o primeiro discorre sobre família, conceituação e histórico, e família com filho Surdo. A família é o primeiro grupo social com o qual a criança convive. Cerca de noventa e cinco por cento dos Surdos são filhos de pais ouvintes e esse fato os faz sentirem-se um estrangeiro dentro da sua própria família. No segundo capítulo aborda-se a Língua de Sinais e seu histórico, e comunidades de Surdos. Mostram-se os diferentes caminhos percorridos ao longo da história, apontando novas possibilidades, dando destaque especial à necessidade de compreender a cultura e a comunidade Surda. No terceiro capítulo a ênfase é dada a pesquisa acima citada. Esta coleta de dados demonstrou a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos de Pernambuco. Para cada grupo populacional investigado foi elaborado um questionário incluindo perguntas sobre surdez, Libras e os dados de identificação dos entrevistados. Foram selecionadas respostas dos estudantes Surdos e de seus pais, cujos resultados foram apresentados através de gráficos. Finalizou-se com algumas reflexões sobre a prática profissional diária da autora e o relato com dados de uma estudante surda.

Palavras – chave: Família, Surdo, Libras.

ABSTRACT

This work is based on research Culture Figurations - Deaf in nowadays constructed collectively by students and teachers of the graduate program in Special Education: Deaf Studies and enriched by the experiences of the authoress, deaf's teacher for nineteen years and a deepening of an article written in 2006 and published in 2009 entitled: "The opposition of the families of the deaf in to learn Libras" (Nascimento and Marinho). It consists of three chapters: the first discusses about Family, concepts and history, and family with deaf child. The family is the first social group to which the child lives. Almost ninety-five percent of deaf are children of hearing parents and this fact makes them to feel a stranger within his own family. The second chapter it broaches about the Sign Language and its history, and Deaf communities. They show the different ways traveled throughout of the history, offering new possibilities, and focus on the necessity of to understand the culture and the deaf community. In the third chapter the emphasis is on the research cited above. This data collection has shown the reality educational, social, political, cultural and economic of the Deaf of Pernambuco. For each population group studied was prepared a questionnaire including questions about deafness, Libras and identification data of the respondents. Were selected responses of the deaf students and their parents, whose the results were presented through graphs. It was concluded by some reflections on the professional daily practice of the authoress and the report with data from a deaf student.

Keywords: Family, Deaf, Libras.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos do questionário para pais e filhos

Gráfico nº 1 – Condição dos pais: surdo ou ouvinte -----	Pág.: 24
Gráfico nº 2 – Idade do entrevistado -----	Pág.: 25
Gráfico nº 3 – Você sabe a causa da surdez de seu (a) filho (a)? -----	Pág.: 26
Gráfico nº 4 – Você conversa com seu filho (a) surdo (a) em: -----	Pág.: 27
Gráfico nº 5 – Primeira língua aprendida pelo filho -----	Pág.: 27
Gráfico nº 6 – Qual a primeira língua que você aprendeu? -----	Pág.: 28
Gráfico nº 7 – Onde viu Libras pela primeira vez? -----	Pág.: 29
Gráfico nº 8 – Idade que o filho (a) surdo (a) começou a usar Libras? -----	Pág.: 30
Gráfico nº 9 – Qual idade você começou a usar Libras? -----	Pág.: 30
Gráfico nº 10 – Quem ensinou Libras ao filho (a)? -----	Pág.: 31
Gráfico nº 11 – Quem ensinou Libras a você? -----	Pág.: 31
Gráfico nº 12 – Concorda que Libras tem o mesmo valor que qualquer língua oral? -----	Pág.: 32
Gráfico nº 13 – Você usa Libras?-----	Pág.: 33
Gráfico nº 14 – Onde seu (a) filho (a) gosta mais de usar Libras? -----	Pág.: 33
Gráfico nº 15 – Onde seu filho (a) gosta menos de usar Libras? -----	Pág.: 34
Gráfico nº 16 – Em sua opinião os surdos (as) são? -----	Pág.: 34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: FAMÍLIA	
1.1. FAMÍLIA, CONCEITUAÇÃO E HISTÓRICO	13
1.2. FAMÍLIA DE PAIS OUVINTES COM FILHOS SURDOS	16
CAPÍTULO 2: LÍNGUA DE SINAIS	
2.1. LÍNGUA DE SINAIS, HISTÓRICO, COMUNIDADES SURDAS	21
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA RESISTÊNCIA DOS PAIS AO APRENDIZADO DA LIBRAS	
3.1. ANÁLISE DA RESISTÊNCIA DOS PAIS AO APRENDIZADO DA LIBRAS A PARTIR DA PESQUISA: “FIGURAÇÕES CULTURAIS – SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE” E A BIBLIOGRAFIA REVISADA	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	45
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PAIS NA PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS – SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE	46
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS FILHOS NA PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS – SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE	50

INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho se deve ao grande interesse em aprofundar a questão da resistência dos pais ao aprendizado de Libras já demonstrado em artigo anteriormente publicado pela autora (Nascimento e Marinho, 2009). No momento, com o Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos surgiu uma necessidade de aprofundar o estudo já iniciado.

Partindo de uma revisão bibliográfica sobre família, Língua de Sinais e comunidades surdas analisou-se dados da pesquisa “Figurações Culturais Surdos na Contemporaneidade” e a experiência profissional da autora.

A citada pesquisa abrangeu uma construção coletiva com a participação direta de professores e estudantes do Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos.

Esta coleta de dados demonstrou a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos, sendo o público desta pesquisa aqueles que freqüentam a rede pública de ensino.

Para cada grupo populacional investigado foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do Surdo. No total foram três questionários categorizados de acordo com o estruturado a saber: pais de Surdos, professores e estudantes Surdos.

No primeiro capítulo são abordadas famílias em geral e a família com filho surdo, revisando a evolução do conceito numa perspectiva histórica.

A família é o primeiro grupo social com o qual a criança convive. O Surdo, na sua maioria, é filho de pais ouvintes. O mesmo busca sua língua e cultura nas comunidades surdas, sentindo-se estrangeiro em sua própria família.

A não aceitação da surdez do filho pela família é motivo de resistência para aprendizagem da língua de sinais.

Nossa realidade é que mais de noventa e nove por cento das crianças surdas, só vão aprender sua língua na adolescência.

Tratando-se da família com filho surdo constata-se que ela não está preparada para recebê-lo. Desconhece a surdez, tem receio de enfrentá-la.

Aliados a uma falta de rede de orientação e apoio, como por exemplo, associação de pais e amigos de surdos, e de falta de contato com outras famílias com filhos surdos, com surdos adultos, com as associações de surdos, trazem como consequência o isolamento tanto da família quanto da pessoa surda, levando em geral a mãe e os familiares de uma criança surda na maioria das vezes, a não acreditarem ser possível e/ou desconhecerem as possibilidades de comunicação entre ela e seu filho. (Silva, 2002, p.60)

No segundo capítulo trata da língua de sinais e das comunidades surdas, sua trajetória ao longo da história, seus avanços, lutas e conquistas

Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua linguisticamente reconhecida em todo o mundo, de modalidade gestual-visual. A língua de sinais requer uma expressão corporal que expõe a pessoa ao olhar do outro.

Bisol (2004) afirma que a resistência à língua de sinais por ser vista por muitos ouvintes como um teatro, uma mímica, é uma língua estrangeira a ser aprendida. A surdez é vista essencialmente como uma falha a ser corrigida.

Para Rossi (1994) a criança surda é em tudo igual a qualquer outra criança exceto pela comunicação verbal. Esta, na primeira infância não parece tão relevante, contribuindo com isto para a resistência das famílias em desvelar e tentar penetrar no mundo das comunidades surdas. A mesma também responsabiliza os profissionais de saúde, por não fazerem necessária a inclusão da língua de sinais, provocando com essa atitude um conflito e uma não aceitação da mesma.

Rossi destaca, no artigo acima citado, a importância e a necessidade de que após a confirmação da surdez na criança, aconteça uma convivência consistente entre a criança surda e sua família, com Surdos adultos.

O terceiro capítulo destaca a pesquisa “Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade” e a experiência profissional da autora. A citada pesquisa foi pensada para a construção do perfil do Surdo em Pernambuco em seus aspectos sociais, econômicos, educacionais, políticos e culturais. Neste trabalho monográfico foram analisados os resultados das questões sobre surdez e Libras, das famílias entrevistadas. Onde ratificamos a resistência das mesmas em aprender Libras.

Utiliza-se o termo Surdo com ‘S’ maiúsculo por se tratar de um ser diferente por possuir língua, cultura e identidade própria.

Este estudo procura compreender a resistência das famílias em aprender Libras e analisa o conhecimento que as famílias têm da surdez.



Capítulo 1 – FAMÍLIA

1.1. Família Conceituação e Histórico

Etimologicamente, segundo Engels, (apud Aríes, 1981), o termo “família” é derivado de “famulus”, que significa “escravo doméstico”, termo este criado na Roma antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas. Já na Roma republicana, o conceito de família tinha um contorno nitidamente patriarcal, sendo considerada como tudo aquilo que estivesse debaixo do poder paterno: mulher, filhos, escravos e até bens como terras, instrumentos e animais de trabalho.

No século XVIII há o reconhecimento da família em um espaço privado, uma estreita relação sujeito/família. Segundo Passos (2005), o mundo público era dominante e as crianças e os adultos de uma família se relacionavam entre si do mesmo modo que transitavam com as outras pessoas da sociedade. Não havia distinção entre os investimentos afetivos dos membros de uma família e os outros membros da comunidade. O palco para as relações eram espaços abertos, ruas, praças, palácios, nos quais a intimidade entre as pessoas não tinha lugar. Foi só com o reconhecimento dos membros de uma família com laços biológicos, uma casa com espaços de convivência delimitados que passou a existir privacidade, troca entre os sujeitos e, acredita a autora citada, o surgimento da noção de família. Ela nasce então, da possibilidade de reconhecimento mútuo entre os sujeitos, da troca de afetos entre eles, e isso só foi possível a partir de um espaço físico que possibilitava a aproximação entre as pessoas.

Lacan (1981) compreende a família como uma instituição social privilegiada na transmissão da cultura. “Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. (...) Com isso ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico” (1985, p. 13), esclarecendo que a família estabelece uma continuidade psíquica entre as gerações, a partir de uma hereditariedade psicológica e social.

Para Regen (2006), a família e a escola foram as responsáveis pela retirada das crianças da sociedade dos adultos, confinando-as num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou na criação de internatos. A citada autora afirma que vários fatores contribuem para as mudanças ocorridas na família no século XX, entre eles estão as duas grandes guerras, a maior participação da mulher no trabalho fora do lar, a possibilidade das mulheres exercerem o controle da natalidade, a Declaração dos Direitos Humanos (1948), o abandono da tradição, a ênfase dada à individualidade, a migração da população rural para áreas urbanas, a grande influência da mídia, principalmente da TV, que invade os lares e sobrepõe seus valores, nem sempre verdadeiros, aos das famílias.

Na década de 70 (século XX) as questões familiares nos conduziam a refletir sobre a passagem da família patriarcal para a família nuclear.

A família patriarcal constituída por grupos familiares reunindo diversos graus de parentesco (avós, tios, primos, etc.) habitando espaços próximos e muitas vezes participantes de uma mesma atividade produtiva, oferecia à criança e ao adolescente proteção. Este grupo familiar é próprio das zonas rurais e dos pequenos vilarejos do interior.

Com a migração para os grandes centros urbanos passamos a encontrar a família nuclear constituída por um casal (ou somente pela mãe) e um ou dois filhos, longe do grupo familiar de origem, desenraizadas de suas culturas, segundo Outeiral (2007).

Para Motta (1998), as famílias contemporâneas vêm transformando fortemente, e em variados aspectos, os seus modos de vida – embora, ao mesmo tempo, mantendo certo substrato básico dessa organização original. Transformando-se, porque as relações entre os gêneros e as gerações estão se realizando em novas formas e segundo outros códigos. Casamento, criação de filhos, separações, exercício da sexualidade, chefias, composição do orçamento doméstico, solidariedades e responsabilidades intergeracionais, quase nada está sendo o mesmo.

Na década de 80 as questões diziam respeito às novas configurações familiares: famílias reconstituídas, com filhos de casamento anterior e do novo casamento, tendo este fato social o reconhecimento com a lei do divórcio.

A revolução sexual e o feminismo foram o que, segundo Giddens (1993), mais contribuiu para a modificação das articulações entre regras de aliança e uso dos prazeres. Os laços entre cônjuges ou entre pais e filhos, que até então se ancoravam na autoridade paterna, são substituídos por “compromissos negociados”, com ênfase mais na intimidade do que na tradição.

O estudo da família contemporânea é a possibilidade de dissolução das uniões e a formação de novas famílias, em que os papéis parentais se tornam confusos, com a convivência “dos meus, dos teus e dos nossos filhos e toda a gama de novas relações que surgem no seio das famílias”.

1.2. Família de pais ouvintes com filho surdo

A família pode ser concebida como uma unidade singular interposta entre a cultura individual e a coletiva, filtrando as influências culturais mais amplas em função de suas próprias regras culturais e sociais, seus valores e crenças. Trata-se, portanto, de um grupo constituído de várias personalidades que interagem entre si, de acordo com o pensamento de Rocha, (1983).

As famílias não estão preparadas para receber o filho surdo, e isto é muito grave, já que noventa e cinco por cento dos surdos são filhos de pais ouvintes.

A ideologia do normal traz um discurso que somos todos iguais, no caso dos surdos, algumas famílias, professores e profissionais da saúde querem fazê-los falar para torná-los “normais”, pois falta algo em seu corpo. Transformar o diferente em deficiente.

As famílias passam por sentimentos como decepção, frustração, negação e até depressão após a confirmação da surdez do filho, segundo Stelling.

Várias trilhas são percorridas pela família para descobrir novos sonhos e expectativas em relação ao filho surdo. Estas vão terminar em dois caminhos: o da deficiência, trilhado pela família juntamente aos profissionais da saúde e da educação, e o caminho da diferença, trilhado pela família junto com outros Surdos e profissionais comprometidos com a luta dos Surdos.

Diante do diagnóstico de surdez de um filho, começa uma luta que, às vezes, dura anos, consultando médicos, fonoaudiólogos, buscando próteses auditivas e/ou implantes cocleares, no intuito de corrigir a falha.

O filho é visto como deficiente, doente, pela falta da língua para se expressar.

Um outro caminho a ser seguido se opõe ao da deficiência; é o caminho da diferença. “A participação da família e das comunidades surdas, como articuladoras das políticas públicas, historicamente tem sido uma importante força para as mudanças no atendimento aos Surdos”. (Ramalho. 2002).

“Os grupos de pressão, organizados pelos pais e comunidades surdas, têm seu poder político concretizado através da aquisição de serviços e recursos especiais para grupos de surdos. Eles abriram o espaço até então esquecido pelos poderes públicos e constituíram a grande mola propulsora do atendimento, por meio de organizações, tais como: ASSPE, FENEIS, CAS, Estudos Surdos, que têm levado suas necessidades ao conhecimento dos órgãos governamentais, esforçando-se para assegurar que tais necessidades sejam satisfeitas de modo mais eficiente”. Nascimento e Marinho (2009, p.119)

As famílias não percebem o isolamento da criança surda no seio familiar.

Acredita-se que a não aceitação da surdez do filho pela família é motivo de resistência para aprendizagem da língua de sinais.

A família é o primeiro grupo social, entretanto, o Surdo busca sua língua e cultura nas comunidades surdas apenas na adolescência. Sentindo-se estrangeiro em sua própria família.

Para a família não é fácil lidar com a diferença do filho muitas vezes gerando graves erros como: ausência de limites, super proteção, subestimação à capacidade do filho, passando a imagem de “coitadinho”.

Para que essa criança seja aceita em outros ambientes é preciso que haja uma segurança emocional com o sentimento de pertencimento a um grupo (família) através do amor e respeito, bem como ter os mesmos direitos e limites.

Silva (2002) escreve que o Surdo, deve ser tratado como um diferente, não como um deficiente porque a palavra deficiente aborda a necessidade de um conserto, enquanto o termo diferente engloba melhor a situação do Surdo que possui uma língua, uma cultura e uma identidade. Ainda assim, “diferente” é um termo de certa forma destituído de significado preciso. É um equívoco afirmar que todas as pessoas são iguais, sejam elas deficientes ou não, pois somos socialmente diferentes.

A falta de comunicação pela utilização de línguas diferentes e a resistência de alguns pais para usarem a Libras, refletem em certa medida, a não aceitação da surdez, gerando uma infinidade de conflitos que por sua vez, refletem-se na vida das crianças surdas. (Lima, 1999).

Oliveira e outras (2004) afirmam “que a principal dificuldade relatada pelas famílias no convívio com a criança surda está relacionada com a comunicação. As famílias apontam que a dificuldade de comunicação acarreta outros problemas, tais como: dificuldade de compreender as necessidades da criança, problemas na socialização da criança e o aparecimento de comportamentos agressivos por parte do filho”.

A Libras, segundo Fernandes (1999), é uma língua natural, com organização gramatical que se presta às mesmas funções da língua oral, é produzida por gestos e por recursos espaciais, e sua percepção é visual. Para Castro (1999), a Libras é o caminho por meio do qual o Surdo pode desenvolver suas necessidades linguísticas, pois a surdez leva a criança a um isolamento dentro da própria família. Essa falta de comunicação no convívio familiar priva o deficiente de situações de diálogo, o que o leva a expressar comportamentos tidos como agressivos ou inadequados.

Bisol (2004) afirma que as famílias após descobrirem a surdez do filho, comportam-se:

- Negando a surdez. Chamam a criança e ao mesmo tempo gesticulam, a criança responde ao gesto e aos movimentos da boca, mas os pais atribuem sua resposta ao chamado verbal.
- Resistindo à língua de sinais. É uma língua estrangeira a ser apreendida, decodificada, memorizada, interiorizada para comunicar-se com o próprio filho, e que a sociedade, como um todo, desconhece
- Com tentativas de reparação. A surdez é vista essencialmente como uma falha a ser corrigida ou exposta o menos possível.
- Com crises familiares. Os ouvintes têm sobre a surdez noções associadas a doença, incapacidade, deficiência.

“Afirma que pais ouvintes que nunca tiveram acesso a um modelo de surdez enquanto diferença cultural e não conheceram surdos adultos culturalmente bem sucedidos, ao depararem-se com a surdez de um filho enfrentam uma descoberta compreensivelmente devastadora”. (Glickman, 1996).

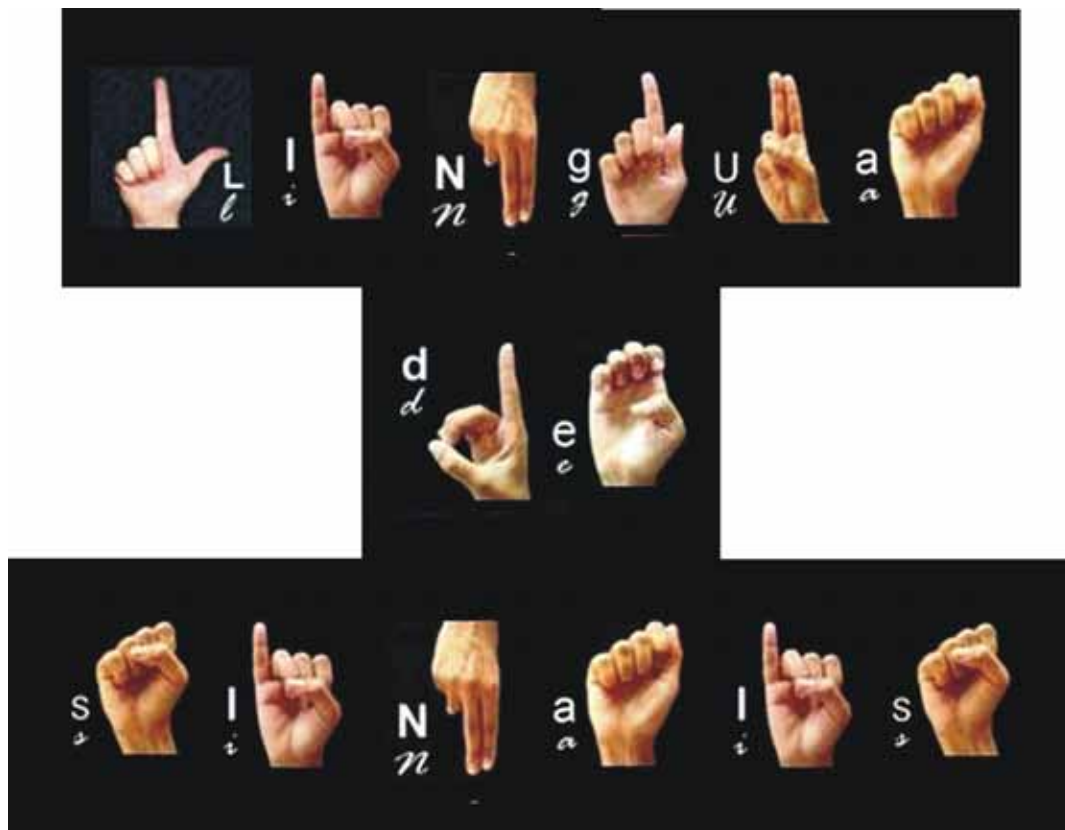
“Tratando da falta de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, Guarinello Kochen, Boniluvre Bonfim, Borne, afirmam que ela ocorre devido ao desconhecimento dos pais em relação à língua de sinais, geralmente utilizada pelos filhos, o que gera um bloqueio no momento de trocas interativas, ocasionando frustrações ao surdo. Suscitam a hipótese de que o fato de os pais não conhecerem a língua de sinais seja um indício da falta de aceitação da surdez”. (J.B.F – 2005 p.402).

A criança não consegue ocupar o lugar que os pais imaginavam que ocuparia, Meira (1996) fala de uma falha relativa à impossibilidade que os pais vivenciam de não encontrarem em seu filho a realização de seus ideais.

Para Rossi (1994), a criança surda é em tudo igual a qualquer outra criança, exceto pela comunicação verbal. Esta “na primeira infância não parece tão relevante, contribuindo com isto para a resistência das famílias em desvelar e tentar penetrar no mundo das comunidades surdas”. A mesma também responsabiliza os profissionais de saúde, por não fazerem a necessária inclusão na escola da língua de sinais, provocando com isso um conflito e a não aceitação da Libras.

“A não aceitação da língua de sinais tenciona e desqualifica as relações familiares gerando conflitos, muitas vezes encobertos, de profundas conseqüências para todos os envolvidos e evidente prejuízo para a criança que, vista como deficiente auditiva será obrigada a postergar a formação de sua identidade surda”. (Rossi, 1994, p.01)

Nesse mesmo artigo escrito por Rossi, ela destaca a importância e a necessidade de que, após a confirmação da surdez na criança, “aconteça uma convivência consistente entre a criança surda e seus pais, com surdos adultos” (1994). Ela considera essas experiências indispensáveis para a compreensão de como se dão as interações entre surdos e ouvintes e entre surdos e surdos. Nos países nórdicos e na Inglaterra, segundo a autora, esses encontros fazem parte das políticas públicas de educação e saúde e são vistos com naturalidade pela sociedade em geral, dentro das quais as comunidades surdas têm o seu papel reconhecido.



Capítulo 2 – LÍNGUA DE SINAIS

2.1. Língua de Sinais, Histórico. Comunidades Surdas

Os primeiros registros sobre surdez e surdos datam do século XVIII a.C na locução de Moisés. Os surdos eram considerados amaldiçoados desde primórdios até a Idade Média.

Longman (2007) afirma que em “Heródoto (484-424 a.C), prevalece a noção de que Surdos eram seres castigados pelos pecados dos antepassados, merecedores de pena e caridade, diferentemente dos espartanos que os jogavam do Monte Taijeto, e dos antigos romanos no rio Tiber (PERELLO, 1978:6)”.

O primeiro professor a ensinar Surdos na história ocidental foi Pedro Ponce de Leon (1520-1584). Ensina os Surdos filhos dos nobres a falar, a ler e a escrever para ter direito à herança.

O cientista Alexander Graham Bell (1759-1851), famoso por ser professor de fonética e física acústica e por ser o inventor do telefone, criou um método de ensino oral para Surdos e tratamento de reabilitação.

Longman (2007) afirma que desde, a antiguidade, o problema do Surdo não é ser Surdo e sim ser mudo.

Por volta de 1760 é fundada a primeira escola pública para Surdos em Paris, pelo abade francês Charles-Michel de L'Epée instituindo o ensino coletivo. Ele, partindo dos gestos dos Surdos criou sinais metódicos (sinais que correspondiam a objetos e desenhos para compreensão de ações), para ensiná-los a ler e a escrever.

Desde o século XVIII as associações de Surdos se destacaram na França. A primeira associação de Surdos Francesa foi fundada pelo escritor Surdo Ferdinand Berthier.

Até o século XIX os médicos acreditavam na reabilitação da audição e da fala.

A primeira escola para Surdos, que se tem conhecimento, o Asylum, em Hartford foi fundada pelo americano Thomas Gallandet em 1817. Essa escola tem sido a guardiã da cultura surda há mais de um século.

A primeira escola para Surdos no Brasil surgiu em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, e foi fundada por um educador Surdo, ex-diretor do Instituto de Paris, chamado Hernest Huet. A citada escola é hoje chamada INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

No Congresso de Milão em 1880, a língua de sinais é vista como uma língua inferior produzida pelo corpo, falada por sujeitos inferiores. Por esse motivo a sua prática, pelos Surdos, fica proibida.

Os Estados Unidos foi o único país que não foi influenciado pelo Congresso de Milão, passando, assim a incentivar os gestos, e toda ideologia pedagógica para os Surdos.

Segundo escreve Capovilla (2001), Wilhelm Wundt, em 1911, foi o primeiro a defender a concepção da Língua de Sinais como um idioma autônomo, e o Surdo como povo com cultura própria.

Em 1950, os russos introduzem um método chamado Sistema de Comunicação que contribui para o aprendizado da língua oral.

Há registro na história dos Surdos de Pernambuco, na cidade do Recife, no ano de 1958 de que alguns Surdos se encontravam para conversar na Rua do Sol, em frente do Cinema Trianon e no Bar Savoy. Não existia associação. (Nossos Depoimentos 2009, p.20).

Para Sacks (2005) “a cultura é tão importante quanto a natureza”.

A classificação deficiente auditivo foi inventada na década de 60, pelas instituições de reabilitação da fala.

Na década de 1960, quando as discussões sobre os direitos civis e políticos das minorias aconteceram, surgiram as primeiras pesquisas lingüísticas, consagrando status de língua natural à língua de sinais (Stokoe, 1960 Apud Sanchez, 1990:23).

Surgiram também as primeiras manifestações dos Surdos, fortalecendo a sua comunidade, reivindicando os seus direitos linguísticos e de cidadania e o direito de serem reconhecidos como diferentes e não como deficientes.

Nas décadas de 50, 60 e 70 os Congressos de Educação, Medicina e Fonoaudiologia apresentam casos de recuperação da fala concluindo que os deficientes auditivos poderiam ser tratados como pessoas normais.

No início dos anos 70, inicia-se um movimento por mudanças diante da crise do oralismo.

Os Estados Unidos dá início à Comunicação Total, ou seja, ao uso de todos os tipos de comunicação como, a oral, a datilológica, a mímica e a gestual.

Todo e qualquer lugar em que um grupo de Surdos se reúne e divulga sua cultura e usa a língua de sinais é chamado de comunidade surda. São associações, federações, igrejas, escolas, clubes, shoppings, praças, ruas, etc.

No ano de 1983, os Surdos do Recife passaram a se encontrar na Rua da Conceição, na Boa Vista e num campo de futebol no Cordeiro.

Em 17 de outubro de 1985 é criada a Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE). A referida associação é um lugar usado para encontrar e fazer amigos, conversar sobre futebol, política, religião, participar das festas programadas, etc., e partilhar com seus pares de situações diárias do cotidiano.

No ano de 1987, é fundada a FENEIS (Federação de Educação e Integração de Surdos), na cidade do Rio de Janeiro. A mesma tem por objetivo a defesa e a luta pelos direitos da comunidade surda brasileira.

A Língua de Sinais só vem aparecer, segundo registro da UNESCO, em 1974, em uma reunião com especialistas em educação de Surdos e é recomendada o ensino para Surdos profundos, por serem considerados idiotas para o aprendizado da língua oral.

A surdez, segundo Vygotsky (1984:89), seria "... um estado normal e não patológico para a criança surda e o defeito só é sentido de um modo mediatizado, secundário, como resultado de sua experiência social refletida". Isto se reflete

diretamente na questão da identificação do Surdo, enquanto indivíduo pertencente a um grupo distinto.

Nos anos 80, com o surgimento do bilingüismo (uso de duas línguas, Libras e Português escrito), em razão do fortalecimento da idéia de respeito à diferença, o Surdo passou da posição de deficiente para a de um ser diferente.

Nessa época, um grupo de pais e técnicos de crianças surdas preocupava-se com a reabilitação da audição e da fala.

“Essas concepções e práticas sofreram, em 1986, uma mudança significativa da filosofia oralista para o bilingüismo, comprometido com a visão sócio-antropológica da surdez e com a compreensão dos surdos como homens e mulheres falantes e uma língua gestual” (Estudos Surdos, Suvag – 2006).

Em 1990, é iniciada a fase do neo-oralismo com a introdução do alfabeto manual.

Em 1994, a Declaração de Salamanca propõe que todas as pessoas com necessidades especiais sejam matriculadas nas escolas comuns, respeitando as diferenças individuais. Defende a língua de sinais dos Surdos, com intérpretes nas salas de aula.

As comunidades surdas ganham força e afirmação com o reconhecimento da Língua de Sinais.

Longman (2007) relata que “as identidades surdas são construídas entre as experiências negativas da ideologia ouvintista e as experiências positivas da língua de sinais e de pertencimento à comunidade surda”.

“(...) que para o povo surdo a associação foi, e é, o começo do resgate da construção da pátria dos surdos. A língua de sinais é a sua sobrevivência. A mesma estende que as associações dos surdos foram e continuam sendo o lugar de resistência e de luta dos Surdos, pois a língua é a nossa bandeira, é a nossa alma”. (Carolina Longman, 2009, p. 09).

Atualmente, os estudos surdos abrangem o estudo da língua, da comunidade e cultura dos surdos. E o estudo pelos surdos, com os surdos, para o benefício dos surdos e expansão do conhecimento dentro da comunidade como um todo, como uma área de investigação e um caminho para entender uma experiência de mundo, basicamente visual. (Prazeres, Educação e Internet – a Discriminação em Questão II. Pág. 85 – 2002).

Segundo Barreto (2009), “Língua é um sistema formado por regras e valores presentes na mente dos falantes de uma comunidade lingüística e aprendido graças aos inúmeros atos de fala com que eles têm contato”.

Libras (Língua Brasileira de Sinais) é uma língua de modalidade visual e gestual usada pela comunidade surda para seu processo de letramento, facilitando a leitura e a escrita, na construção de uma identidade surda.

A Língua Brasileira de Sinais foi oficializada no Brasil, conforme a Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

“As línguas de sinais são instrumentos essenciais para transmitir cultura e conhecimento. O status e o reconhecimento das línguas de sinais no mundo devem ser reforçados mediante políticas lingüísticas, pesquisa e ensino da língua de sinais. As línguas de sinais deverão fazer parte do currículo escolar de cada país.” (Declaração Mundial de Educação de Surdos, 2007).



Capítulo 3 – ANÁLISE DA RESISTÊNCIA DOS PAIS

3.1 Análise da Resistência dos Pais ao Aprendizado da Libras a partir da Pesquisa: “Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade” e a bibliografia revisada.

Para estudo desta resistência parte-se do pensamento das autoras, Bisol (2004), Guarinello e Outras (2005) e Rossi (1994), que concordam ser a resistência à aprendizagem da Libras, pelas famílias ouvintes, um índice da falta de aceitação da surdez, como foi já visto no 1º capítulo deste trabalho. Procura-se então se fazer uma articulação com o conceito, de resistência em psicanálise, ou seja, “A resistência entrava o trabalho e se torna uma função defensiva. Uma força que se opõe à outra, que não cede, surge com o intuito de evitar algum afeto doloroso como ansiedade, culpa ou vergonha”¹, para assim se proceder a uma análise da referida pesquisa, no que se refere a esse tema.

Durante o Curso de Especialização em Estudos Surdos, coordenado pelo Centro Suvag de Pernambuco em parceria com a Faculdade Santa Helena e subsidiado financeiramente pela Secretaria Estadual de Educação foi elaborada e realizada uma pesquisa coletiva.

O referido curso foi pensado como um momento de reflexão e de produção de conhecimentos sobre os Estudos Surdos quando se aprofundou conhecimentos sobre Libras, identidades, histórias e pedagogias surdas.

Diante de um pequeno número de pesquisas e de informações atualizadas sobre a Comunidade Surda no Estado de Pernambuco e a escassa bibliografia sobre o tema, surgiram dificuldades para a realização de trabalhos envolvendo Surdos. Para superar esta dificuldade, elaborou-se um projeto de pesquisa intitulado “Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade” em uma perspectiva de construção coletiva com a participação direta de professores e estudantes.

¹ Site psicanálise freudiana
<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/>

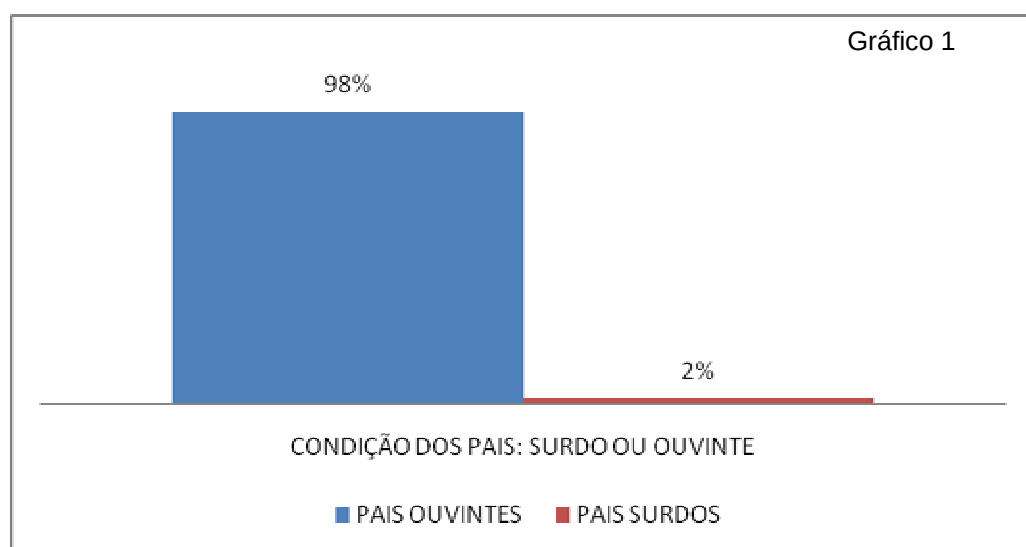
Esta coleta de dados demonstrou a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos, sendo o público desta pesquisa aqueles que freqüentam a rede pública de ensino.

Para cada grupo populacional investigado, foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do Surdo. No total foram três questionários categorizados de acordo com o estruturado a saber: pais de Surdos, professores e estudantes Surdos.

De acordo com a resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos como participantes deve ser avaliada por um Comitê de Ética em pesquisa, geralmente vinculado a instituições autorizadas. Segundo a resolução, o projeto de pesquisa (Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade) foi encaminhado para o Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, e foi aprovado, com registro de número: CEP/CCS/UFPE: Nº 319/08.

Foi feito um levantamento de informações que servem de base para a formação do perfil do Surdo e também como fonte para as monografias individuais.

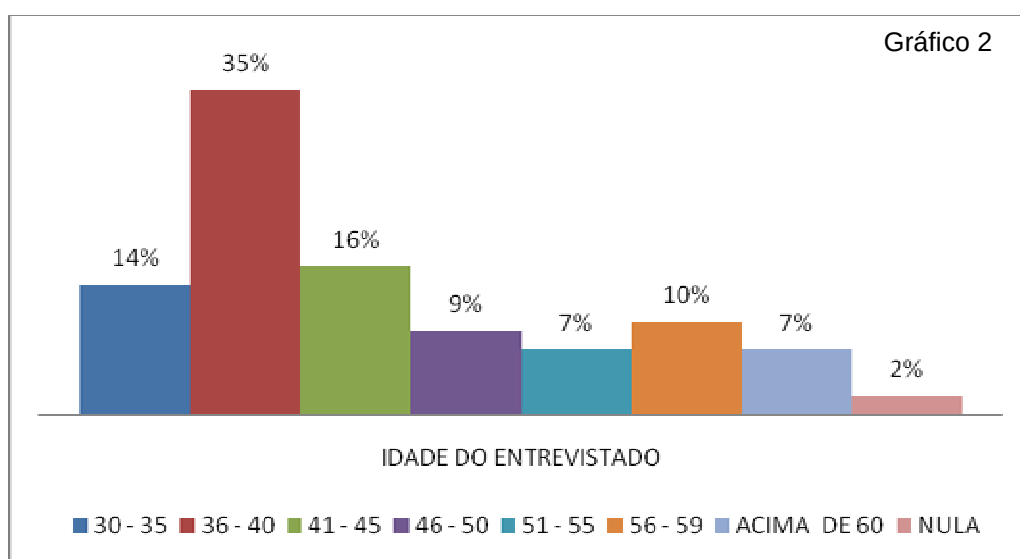
Foram realizados neste trabalho monográfico, entrevistas com perguntas (abertas e fechadas) com as famílias ouvintes de filho surdo, sobre surdez e Libras, sendo treze questões com os pais e três questões com o filho Surdo. Os resultados encontrados foram apresentados, com a construção de gráficos para ilustrá-los.



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Os resultados nos dois primeiros gráficos referem-se à identificação do entrevistado.

No gráfico 1, a condição do pai: surdo ou ouvinte, foi constatado na referida pesquisa que, 98% dos Surdos são filhos de pais ouvintes. As famílias falam uma língua oral/auditiva – Português. Os filhos quando pequenos usam uma linguagem gestual para sua comunicação, uma vez que não tem contato com a Libras. Enquanto que 2% dos Surdos são filhos de pais Surdos, falando a mesma língua (Libras).



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

No gráfico 2, foi identificado a idade dos pais entrevistados, encontrando um percentual de 35% com a idade de trinta e seis a quarenta anos, um total de 16% com a idade de quarenta e um a quarenta e cinco anos, sendo 14% para idade de trinta a trinta e cinco anos, e 10% com a idade de cinquenta e seis a cinquenta e nove anos, 9% com a idade de quarenta e seis a cinquenta anos, 7% entre as idades de cinquenta e um a cinquenta e cinco, 7% acima de sessenta anos e 2% nula.

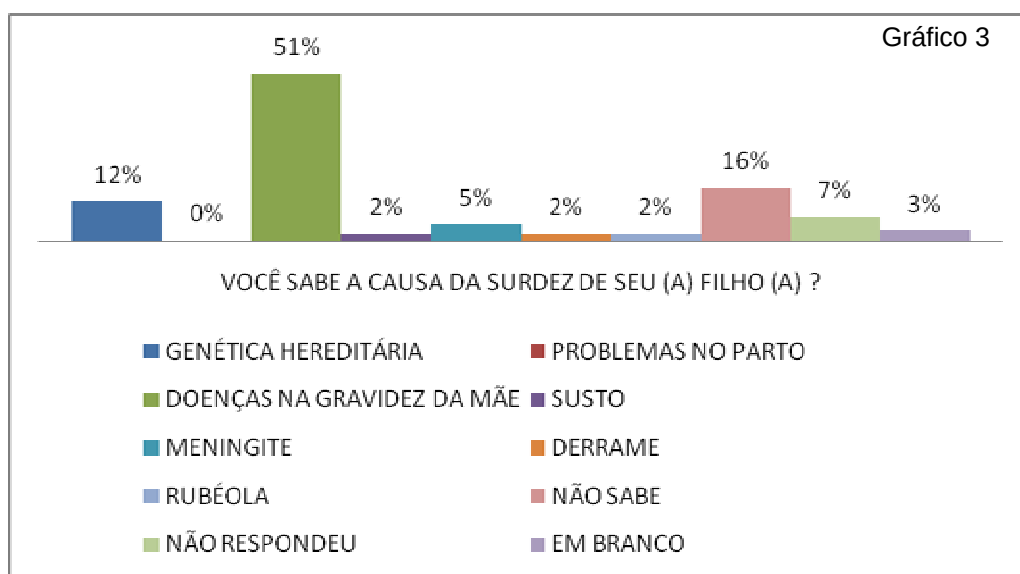
Percebe-se que as famílias mais jovens têm buscado mais cedo o acesso a Libras para os filhos, recorrendo à escola. Os meios de comunicação têm apresentado os direitos da pessoa com surdez, trabalhando tema em novelas, programas, comerciais, artigos, despertando nas famílias uma busca por esses Direitos tais como: carteira de livre acesso (ônibus) benefício (aposentadoria),

acesso à escola. Alguns dos citados direitos favorecem a toda família. Muitas vezes, as famílias se mobilizam na justiça por salário e por direito a ser reconhecido, ora o filho é diferente, ora o filho é deficiente, ou seja, um sujeito “normal”.

Como reagiu quando soube que seu (a) filho (a) era surdo (a)?

As famílias quando perguntadas como reagiram ao saber o diagnóstico da surdez do filho em resposta a pesquisa: “foi um impacto profundo, tive que procurar ajuda psicológica, “fiquei surpresa, não esperava”, “fiquei preocupada, triste, revoltada”, “chorei muito, fiquei preocupada com a rejeição da sociedade”, “não aceitava”, “ninguém quer ter um filho com deficiência”, “em estado de choque, depressiva, como lidar com a nova situação?”.

Foi constatado que as famílias não estão preparadas para receber o filho Surdo.

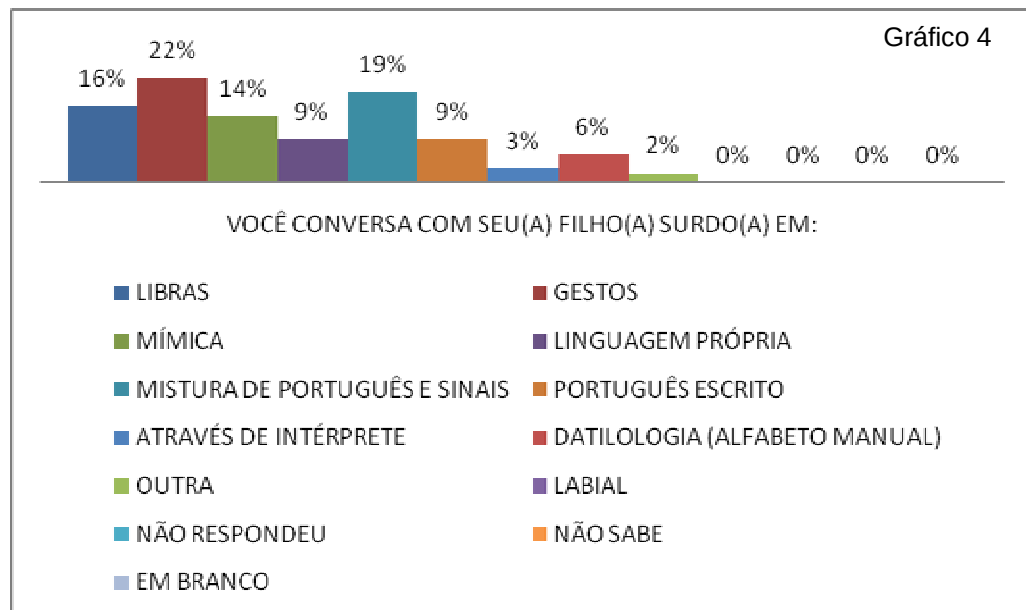


Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Em resposta a causa da surdez do filho, foi constatado um percentual de 51% de doenças na gravidez da mãe. 16% não sabem as causas da surdez, 12% genética hereditária, 7% não respondeu, 5% meningite, 3% em branco e 2% sendo susto, 2% derrame e 2% rubéola.

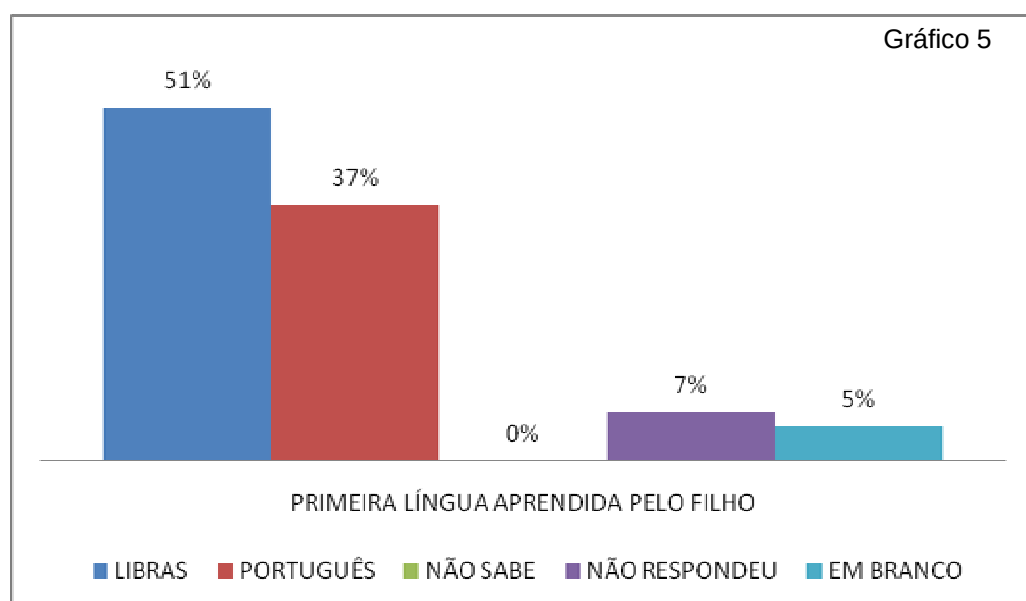
Percebe-se que as famílias, em relação à causa da surdez do filho, elaboram alguns mitos (comeu feijão ruim, tomou café ruim), expressam culpas (bateu com a

cabeça quando caiu do berço, discussão entre pai e mãe) e apresentam certezas (rubéola, sarampo, meningite).

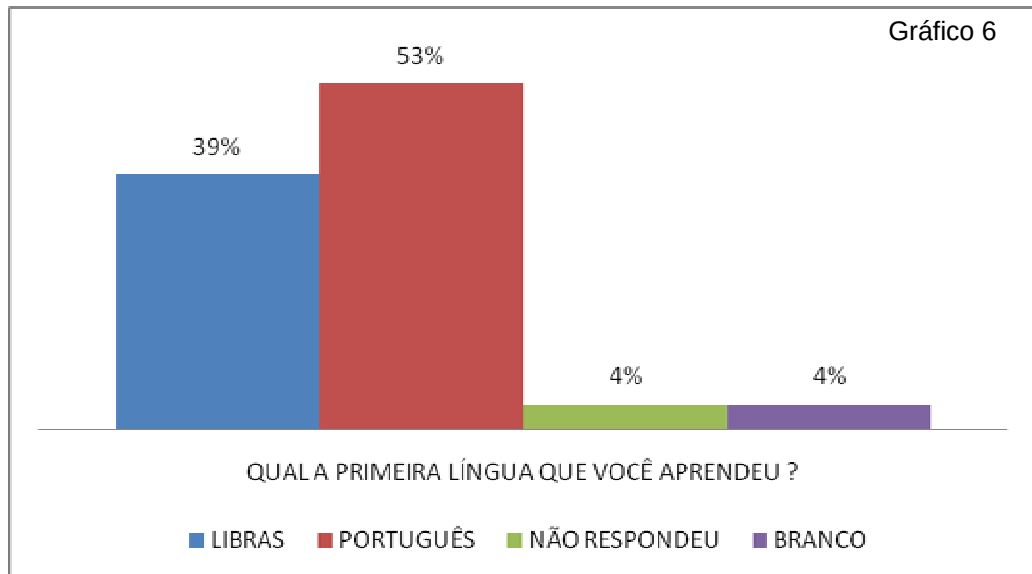


Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Mediante a pesquisa, 22% dos pais respondem que conversam com o filho Surdo com gestos, sendo que 19% misturam o português com sinais. 16% Libras, 14%, mímica, 9%, linguagem própria, 9%, português escrito, 6%, datilologia (alfabeto manual), 3% através de intérprete e 2%, outra. Resistindo à aprendizagem da Libras, que é a língua falada pelo filho. Não sendo vistos como diferentes, pertencentes a uma minoria linguística e sim com perdas auditivas (deficientes).



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade



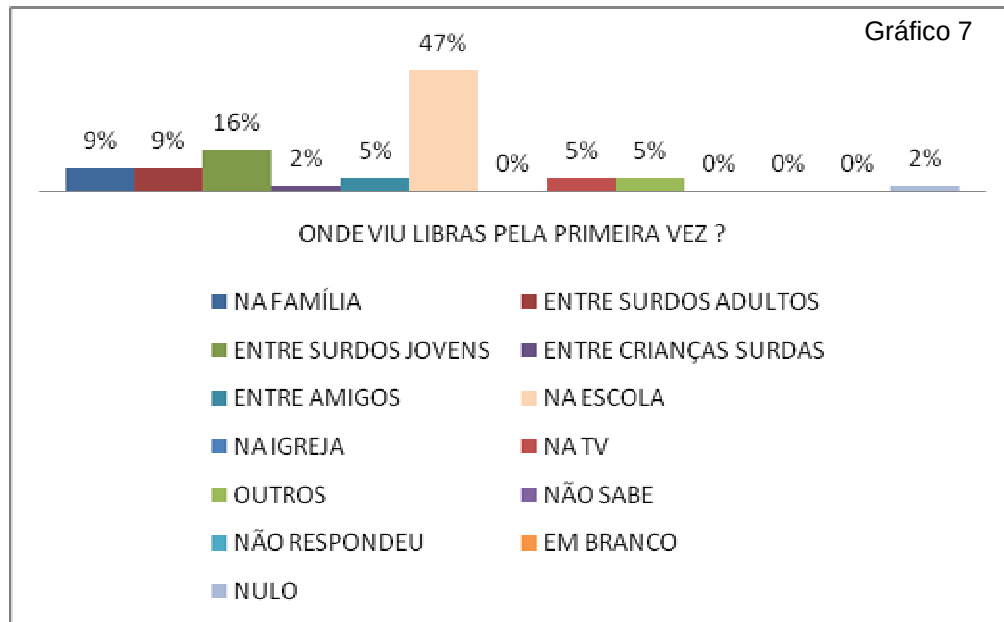
Os gráficos 5 e 6 tratam da primeira língua aprendida pelo Surdo.

Foi constatado pela pesquisa que 51% dos pais responderam que a Libras é a primeira língua aprendida pelo filho, 37%, português, 7% não respondeu e 5% deixou em branco.

No gráfico 6, 53% de filhos Surdos dizem que a primeira língua que aprenderam foi o português, apresentando uma contradição à resposta dos pais. 39%, Libras, 4% não respondeu e 4% deixou em branco.

As famílias não estão preparadas para receber o filho Surdo. Após a confirmação da surdez, começa uma luta que, às vezes, dura anos, consultando médicos, fonoaudiólogos, buscando próteses auditivas, técnicas diversas de oralidade, implantes cocleares para ser corrigida a “falha”. É este o caminho da deficiência, uma busca da igualdade e da normalidade.

Outro caminho traçado pelas famílias é a aceitação da surdez de seu filho, reafirmação da diferença, buscando a inserção do mesmo com outros Surdos e profissionais comprometidos com a causa dos Surdos.

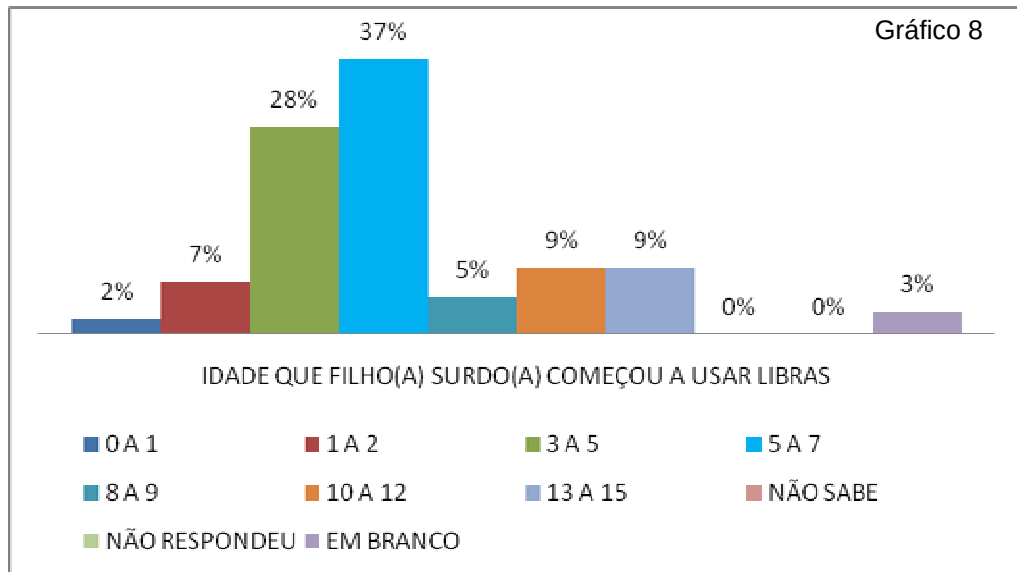


Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

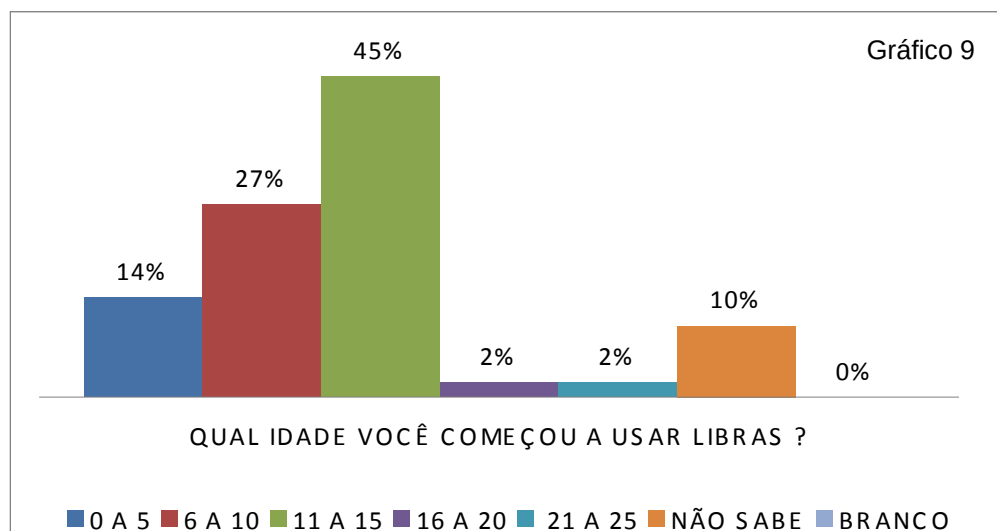
De acordo com os dados levantados, ainda segundo a pesquisa, Libras é vista pela primeira vez pelas famílias na escola, com um percentual de 47%, com 16% entre surdos jovens, 9% na família, 9% entre surdos adultos, 5% entre amigos, 5% na TV, 5% outros, 2% nulo e 2% não sabe.

A criança chega à escola sem língua. Precisa de pares Surdos adultos e da convivência com outras crianças surdas para essa aprendizagem. Os pais não sabem e desconhecem, na sua maioria, a Libras.

Longman (2008) na palestra: A Educação Infantil nas Políticas de Inclusão, afirma que a nossa realidade é que mais de 99% das crianças surdas, só vão aprender sua língua (Libras) na adolescência, onde buscam sozinhas a aquisição da mesma.



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade



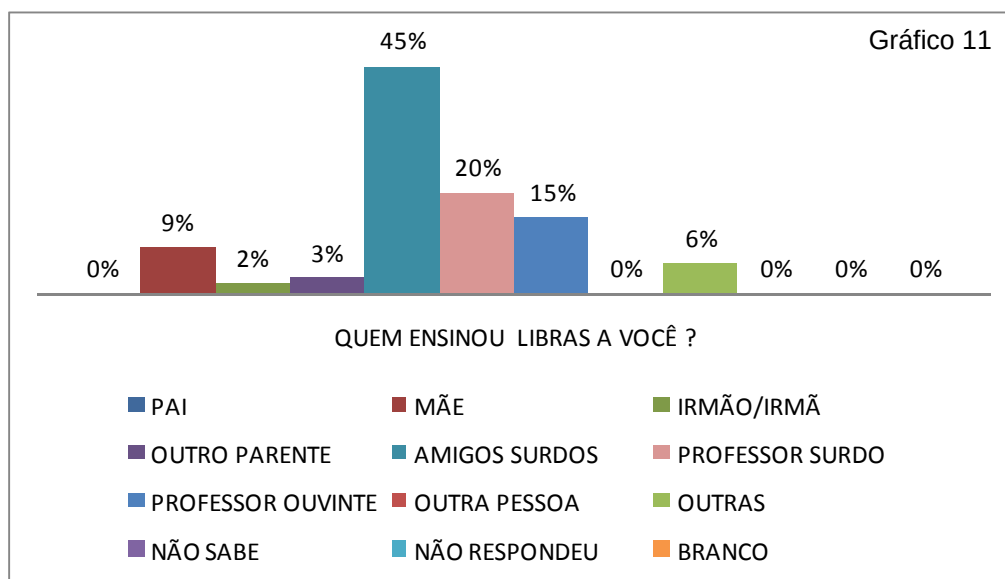
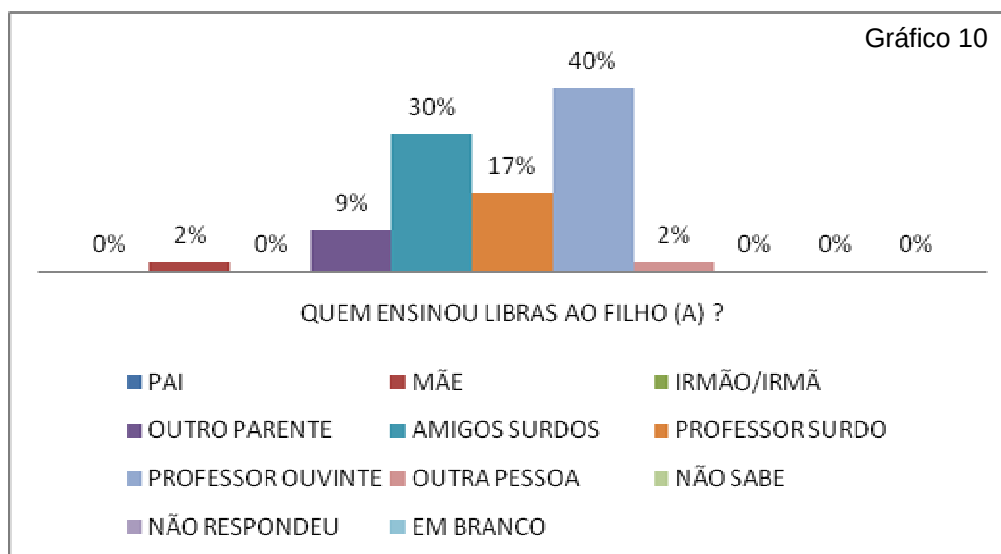
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Os gráficos 8 e 9 referem-se a idade que o Surdo começou a usar Libras.

A pesquisa comprova que o Surdo começa a usar Libras com a idade de cinco a sete anos com um percentual de 37%, segundo seus pais. Com 28% de três a cinco a anos, 9% com dez a doze anos, 9% de treze a quinze anos, 7% de um a dois anos, 5% de oito a nove anos, 3% em branco, 2% zero a um ano.

Enquanto o filho Surdo assinala na pesquisa que é com um percentual de 45% com a idade de onze a quinze anos que começa a usar Libras. 27% com a idade de seis a dez anos, 14% de zero a cinco anos, 10% não sabe, 2% de

dezesseis a vinte anos, 2% de vinte e um a vinte e cinco anos. Apresentando também, uma contradição em relação à resposta dos pais.

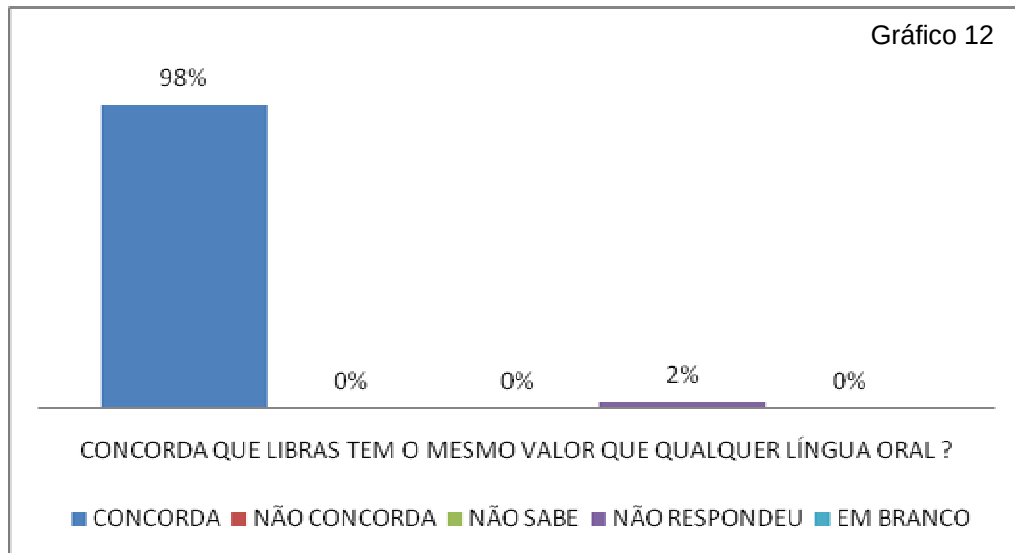


Os gráficos 10 e 11 referem-se a quem ensinou Libras ao Surdo.

Segundo a pesquisa, Libras é ensinada ao Surdo pelo professor ouvinte com um percentual de 40%, é o que respondem os pais. Com 30% pelo pai; 17% por professor surdo; 9%, outro parente; 2%, mãe e 2%, outra pessoa.

Para o filho, é contraditório o que os pais respondem, eles afirmam na pesquisa que aprendem Libras com amigos Surdos, com um percentual de 45%.

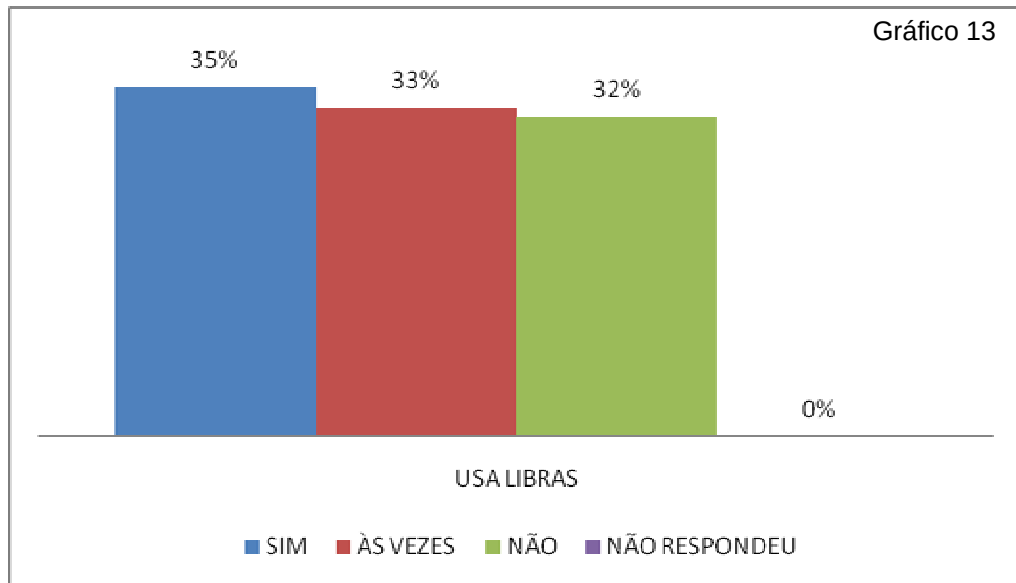
Junto com outros Surdos aprendem e desenvolvem a sua língua o que vai garantir sua competência lingüística. Os demais percentuais são: 20% com professor surdo; 15%, professor ouvinte; 9%, mãe; 6%, outras; 3%, outro parente e 2%, irmã/irmão.



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

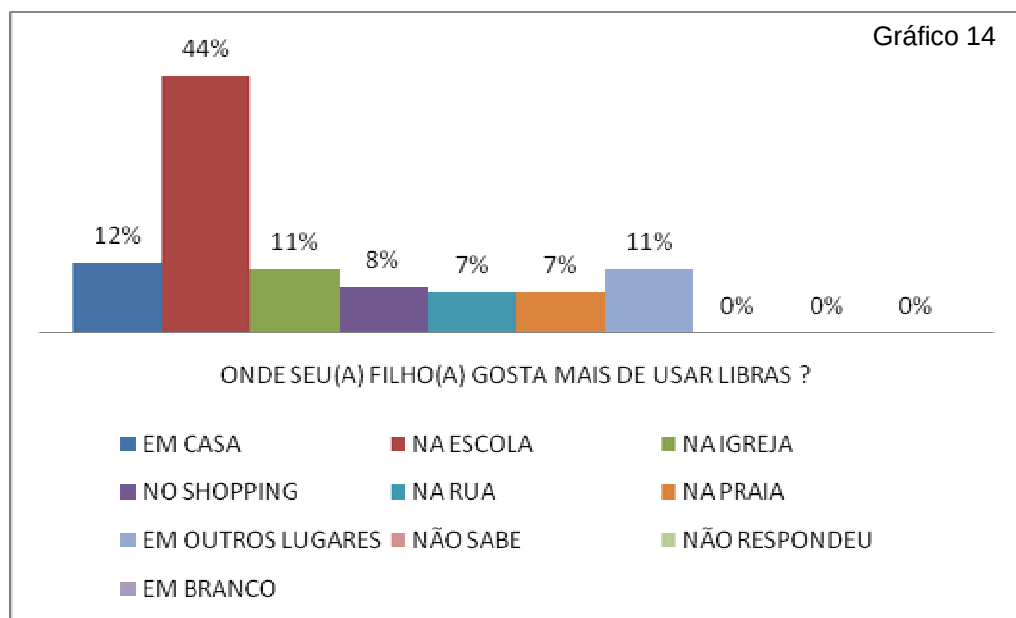
A pesquisa verificou que 98% das famílias concordam que Libras tem o mesmo valor que qualquer língua oral e 2% não respondeu. Por que as mesmas não aprendem Libras? Exemplificando, a língua de sinais americana, é a terceira língua de maior uso nos Estados Unidos, nem por isso, possui o mesmo status social, lingüístico que o Espanhol e o Francês. Aprendemos uma segunda língua para termos uma ascensão de um emprego, um status, etc.

Percebe-se que a língua de sinais é desconhecida e não traz ascensão social. A família vê Libras como mímica, teatro, uma comunicação de Surdo para Surdo. A língua de sinais requer uma expressão corporal que expõe a pessoa ao olhar do outro. A surdez não é visível, é fácil de ser escondida. Reconhecer Libras como língua é aceitar a surdez do filho. A não aceitação leva ao oralismo que é uma aproximação do considerado normal (ouvinte).



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Baseado na referida pesquisa, constata-se que 35% das famílias respondem “sim”, quando perguntadas se usam Libras. Um percentual pequeno diante da necessidade de comunicação com o filho Surdo. 33% respondem que “às vezes” e 32% responderam “não”.

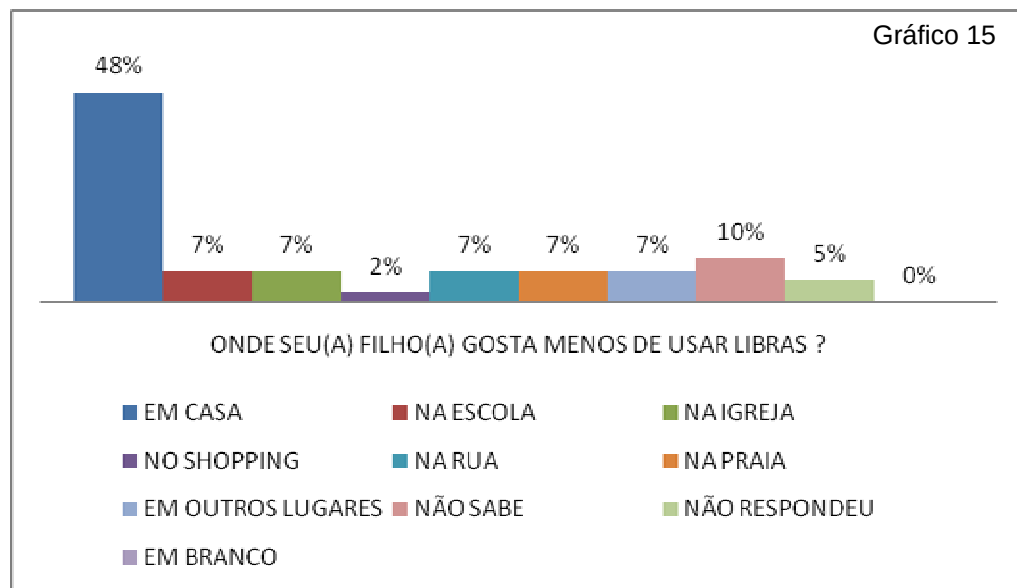


Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Os gráficos 14 e 15 referem-se onde o filho Surdo gosta mais e menos de usar Libras.

Os pais afirmam, de acordo com a pesquisa, que o filho gosta mais de usar Libras na escola, com um percentual de 44%; 12% respondeu em casa; 11%, na igreja; 11%, em outros lugares; 8%, no shopping; 7%, na rua; 7%, na praia.

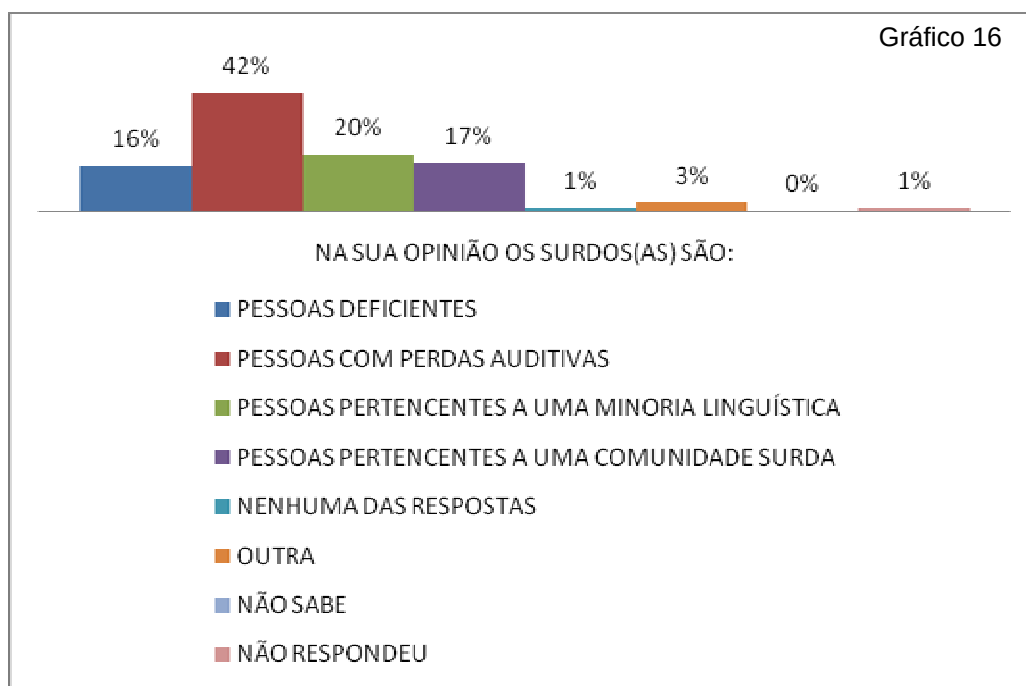
A escola tem sido o espaço de convivência com pares Surdos, para o mundo da cultura e do conhecimento.



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

A pesquisa apresenta também que o Surdo gosta menos de usar Libras em casa com um percentual de 48%. 10% não sabe; 7%, na escola; 7%, na igreja; 7%, na rua; 7%, na praia; 7%, em outros lugares; 5% não respondeu e 2%, no shopping.

Seus familiares não sabem sua língua. As famílias não conseguem ver o filho na sua diferença.



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade

Na referida pesquisa, os filhos Surdos são vistos pelas famílias como pessoas com perdas auditivas num percentual de 42%, faltando a audição – um sentido essencial para adquirir uma língua oral auditiva, falada pelas famílias.

Com 20% pessoas pertencentes a uma minoria lingüística, 17% pessoas pertencentes a uma comunidade surda, 16% pessoas deficientes, 3% outra, 1% nenhuma das respostas e 1% não respondeu.

Com a pesquisa “Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade”, fica constatado e evidenciado através dos gráficos e comprovado que a não aceitação da surdez é um indício da resistência das famílias ouvintes em aprender Libras, pois a mesma não traz nenhum status social.

O mesmo ficou constatado diante das análises e reflexões das autoras: Bisol, Guarinello e Outras, Rossi, além da experiência profissional da autora que leciona estudantes Surdos, há dezenove anos.

Ilustrando o que foi visto apresenta-se, como exemplo, a história de uma estudante, hoje com 36 anos de idade que teve seu primeiro contato com Surdos e a Língua Brasileira de Sinais aos 33 anos. A mesma é surda e aproximadamente aos três anos de idade foi matriculada na Escola da APAE, permanecendo nessa

entidade por apenas três meses. Até 29 anos de idade permaneceu sem contato com seus pares, para aprender e desenvolver sua língua (Libras). Foi matriculada em uma escola pública da rede estadual, em uma turma de deficientes mentais, freqüentando-a por quatro anos. Em uma visita à escola, a Gerente de Educação Especial da GRE, detectou que a referida estudante tinha surdez e não “deficiência mental”, sendo então transferida para uma classe especial na área de surdez, tendo seu primeiro contato com seus iguais e sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho referenda a existência de resistência por parte das famílias ouvintes, é um aprofundamento do artigo escrito em 2006 e publicado em 2009 intitulado: “A resistência das famílias de surdos em aprender a Libras” (Nascimento e Marinho) e traz acréscimos importantíssimos para a orientação das famílias com filhos Surdos.

Constata-se, a partir da experiência de trabalho, que nenhuma mudança é feita de uma só vez, por isso procura-se alertar para esse problema que existe e muitas vezes é negligenciado, esquecido, camuflado pelas famílias.

De acordo com o banco de dados construído, a partir das análises da bibliografia e das respostas à pesquisa das famílias e do filho Surdo, algumas questões foram observadas:

Que as genitoras, muitas vezes, por falta de informações culpam-se na sua maioria pela causa da surdez do filho e elaboram alguns mitos.

As famílias falam uma língua oral/auditiva – Português. O filho Surdo quando pequeno usa um linguagem gestual para sua comunicação, uma vez que não tem contato com a Libras.

A Libras é vista pela primeira vez na escola, a criança chega à instituição sem língua (oral/Libras), e só aprende e desenvolve a mesma na adolescência com amigos Surdos.

Percebe-se que as famílias atuais têm buscado mais cedo o acesso a Libras para os filhos recorrendo à escola, e também a seus direitos, que são garantidos pela Constituição, tais como: carteira de livre acesso (ônibus), benefício (aposentadoria), matrícula à escola.

Os pais conversam com seus filhos com gestos, resistindo à aprendizagem da Libras que é a língua falada pelo filho. Não sendo vistos como diferentes, pertencentes a uma minoria lingüística e sim com perdas auditivas (deficientes).

Verifica-se que a não aceitação da surdez é motivo de resistência para a aprendizagem da Libras. A língua de sinais é desconhecida e não traz ascensão social. A família vê Libras como mímica, teatro, uma comunicação de Surdo para Surdo. A língua de sinais requer uma expressão corporal que expõe a pessoa ao olhar do outro. A surdez não é visível, é fácil de ser escondida. Reconhecer Libras como língua é aceitar a surdez do filho. A não aceitação leva ao oralismo que é uma aproximação do considerado normal (ouvinte).

Nas análises, reflexões e constatações feitas ao longo da elaboração desta monografia concluímos nosso trabalho com a importância e necessidade da convivência consistente entre a criança surda e sua família, com Surdos adultos, a fim de facilitar as interações entre Surdos e ouvintes.

Contudo, devemos alertar que o assunto abordado ainda precisa ser melhor estudado e pesquisado, tendo em vista as transformações constantes pelas quais passa a sociedade contemporânea, o que nos leva constantemente a revisar conteúdos, a refazer caminhos e a gerenciar mudanças.

REFERÊNCIAS

BISOL, Cláudia – A construção de uma identidade cultural dos surdos em parceria com os pais ouvintes. Revista Espaço: INES, dezembro, 2004.

BRANDÃO, Eduardo Ponte. A psicanálise em face das articulações contemporâneas entre aliança e sexualidade. Rio de Janeiro. 2003.

CADERNO, de Estudos Surdos: Novas perspectivas. Centro Suvag de Pernambuco, Olinda. Livro Rápido. 2009. Volume II e III.

GUARINELLO, Ana Cristina e Outras – A percepção dos pais ouvintes sobre sua comunicação com seus filhos surdos. J. Bras. de Fonoaudiologia, 2005, 5 (23): 401-5.

KAMERS, Michele – As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. Estilos clin. (online). Dez. 2006, vol. 11, no 21 (citado 19 janeiro 2009), p.108.125. Disponível na World Wide Web: [HTTP://pepsic.bvs](http://pepsic.bvs)

LACAN, Jacques – A família, novembro de 1981.

LAPLANCHE, Daniel – Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

LONGMAN, Liliane Vieira. Memórias de surdos. Recife. Editora Massangana, 2007.

LOPES, Maria Corcini – “Surdez e Educação”. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOTA, Alda Britto da. Gênero, família e fases do ciclo de vida. Caderno CRH, Salvador, Nº 29, p. 13-20, jul/dez. 1998.

NASCIMENTO, Rejane Maria de Oliveira e Marinho – a resistência de famílias de surdos em aprender Libras, Olinda. Livro Rápido. 2009.

OLIVEIRA, Raquel Gusmão e Outras – “A experiência de famílias no convívio com a criança surda”. Maringá, v. 26, nº p. 183-191, 2004.

OUTEIRAL, José. Família e contemporaneidade. São Paulo. 2007.

PASSOS, Maria Consuelo – Nem tudo que muda, muda tudo, in Féres – Carneiro, T. (org.), Família e Casal, efeitos da contemporaneidade, Rio de Janeiro: editora PUC-RIO, 2005.

PRAZERES, Gleyce Márcia – Educação Surda e Internet. A discriminação em questão II. Governo do Estado de Pernambuco. Recife, 2002.

REGEN, Mina – A instituição família e sua relação com a deficiência. Disponível em [HTTP://www.ofsm.br/ce/revista/ceesp/2006/01/a9htm](http://www.ofsm.br/ce/revista/ceesp/2006/01/a9htm)

ROSSI, Mariana. A família da criança surda e sua relação com a língua de sinais. Disponível em [HTTP://www.feneis.com.br](http://www.feneis.com.br), acesso em 26 de julho de 2008.

SACKS, Oliver. Vendo vozes. São Paulo. Editora Schwarcz Ltda, 2005.

STELLING, Esmeralda Peçanha. A diversidade na família.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Denise Costa Menezes / Liliane Longman

INSTITUIÇÕES: Universidade Federal de Pernambuco / Centro SUVAG de Pernambuco/ ASSPE

Esse termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*. Se decidir participar, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com esta instituição. No caso de você decidir não participar mais deste estudo, deverá comunicar ao profissional e/ou o pesquisador que o esteja atendendo. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação para dar o seu consentimento livre e esclarecido.

Objetivo

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer com maior profundidade a situação educacional, social, econômica, cultural e política dos surdos, analisando as suas múltiplas *experiências* e apreender as suas *expectativas de vida e de trabalho*.

Procedimentos da Pesquisa

Se concordar em fazer parte desta pesquisa, sua participação será responder a um questionário e/ou uma entrevista, aplicado(a) pelos pesquisadores, por ocasião agendada por você. O questionário contém perguntas diretas e objetivas sobre dados de identificação e aspectos socioculturais relacionados a surdos.

Riscos e desconfortos

Ao responder as perguntas, você poderá ter desconforto pelo tempo que gastará, ou sentir algum tipo de constrangimento pelo conteúdo da pergunta. Caso isso aconteça, avise ao entrevistador que irá imediatamente interromper o procedimento.

Benefícios

As informações coletadas serão importantes para o maior conhecimento da educação de surdos e uso da língua e sinais. Isso trará benefícios para a comunidade de surdos que você faz parte. Os resultados do estudo serão publicados em periódicos científicos e apresentados em forma de palestra para os participantes. As palestras serão previamente agendadas e as datas e horários serão comunicados a todos que participaram do estudo. Além disso, cada participante receberá um folder contendo informações referentes à surdez, a língua de sinais, a cultura surda, e uma lista com contatos de instituições que oferecem serviços aos surdos no Recife.

Custos / Reembolso

Você não terá nenhum gasto e não será cobrada pela sua participação no estudo. Além disso, não receberá nenhum pagamento pela sua participação.

Caráter confidencial dos registros

Algumas informações obtidas a partir da participação nesse estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais (em segredo), porém quando o material do seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa, sua identidade será preservada, ou seja, você não será identificado(a) de forma alguma.

Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo constando o telefone da pesquisadora e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: DENISE MENEZES–telefone (81)91136583; Navegantes, 2831/701/ Liliane Longman : 34453965/ 32272052; CEP-UFPE: Av. Prof. Moraes Rego, s/n Cid. Universitária, 50670-901, Recife-PE. Tel/fax (81) 21268588

Declaração de consentimento

Li, ou alguém leu para mim, as informações deste documento antes de assinar esse termo de consentimento. Declaro que entendi as informações acima, que a linguagem utilizada na descrição da pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi resposta para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar desse estudo.

Assinatura do participante

Local e data

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS PAIS, UTILIZADO NA PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS – SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO 0. CONDIÇÃO DOS PAIS, SURDO OU OUVINTE

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
PAI SURDO	-	-	-	-	01	01
MÃE SURDA	-	-	-	-	-	-
PAI OUVINTE	02	01	01	01	01	06
MÃE OUVINTE	17	02	09	06	02	36
TOTAL	19	03	10	07	04	43

2. IDADE DO ENTREVISTADO

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
30-35	-	01	-	03	02	06
36-40	06	-	06	01	02	15
41-45	04	-	02	01	-	07
46-50	03	-	01	-	-	04
51-55	01	01	01	-	-	03
56-59	04	-	-	-	-	04
ACIMA DE 60	01	01	-	01	-	03
NULA	-	-	-	01	-	01
TOTAL	19	03	10	07	04	43

LIBRAS: USO E CONHECIMENTOS GERAIS

6. USA LIBRAS

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
SIM	07	-	03	02	03	15
ÀS VEZES	06	01	02	04	01	14
NÃO	06	02	05	01	-	14
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
TOTAL	19	03	10	07	04	43

INFORMAÇÕES SOBRE O FILHO SURDO

23. VOCÊ SABE A CAUSA DA SURDEZ DE SEU (A) FILHO (A)

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
GENÉTICA HEREDITÁRIA	03	-	01	01	-	05
PROBLEMAS NO PARTO	-	-	-	-	-	-
DOENÇAS NA GRAVIDEZ DA MÃE	10	01	05	05	01	22
SUSTO	-	-	-	01	-	01
QUAIS	-	-	-	-	-	-
MENINGITE	-	-	02	-	-	02
DERRAME	-	-	01	-	-	01
RUBÉOLA (PROVAVELMENTE)	-	-	01	-	-	01
NÃO SABE	03	02	-	-	02	07
NÃO RESPONDEU	03	-	-	-	-	03
EM BRANCO	-	-	-	-	01	01

TOTAL	19	03	10	07	04	43
-------	----	----	----	----	----	----

25. ONDE VIU LIBRAS PELA PRIMEIRA VEZ

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
NA FAMÍLIA	02	-	02	-	-	04
ENTRE SURDOS ADULTOS	02	-	-	01	01	04
ENTRE SURDOS JOVENS	02	01	03	01	-	07
ENTRE CRIANÇAS SURDAS	01	-	-	-	-	01
ENTRE AMIGOS	02	-	-	-	-	02
NA ESCOLA	09	01	05	03	03	21
NA IGREJA	-	-	-	-	-	-
NA TV	-	01	-	01	-	02
OUTROS? QUAIS?	01	-	01	-	-	02
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
NULO	-	-	-	01	-	01
TOTAL	19	03	11	07	04	43

31. PRIMEIRA LÍNGUA APRENDIDA PELO FILHO

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
LIBRAS	07	01	05	07	02	22
PORTUGUÊS	07	02	05	-	02	16
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	03	-	-	-	-	03
EM BRANCO	02	-	-	-	-	02
TOTAL	19	03	10	07	04	43

32. IDADE QUE O FILHO (A) SURDO (A) COMEÇOU A USAR LIBRAS

	ESCOLAS					
IDADE (ANOS)	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
0 A 1	01	-	-	-	-	01
1 A 2	-	-	-	03	-	03
3 A 5	04	01	04	01	02	12
5 A 7	09	01	02	02	02	16
8 A 9	01	01	-	-	-	02
10 A 12	01	-	02	01	-	04
13 A 15	02	-	02	-	-	04
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
EM BRANCO	01	-	-	-	-	01
TOTAL	19	03	10	07	04	43

33. QUEM ENSINOU LIBRAS A SEU FILHO (A)

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
PAI	-	-	-	-	-	-
MÃE	01	-	-	-	-	01
IRMÃO/IRMÃ	-	-	-	-	-	-
OUTRO PARENTE	-	-	-	05	-	05
AMIGOS SURDOS	10	02	-	01	03	16
PROFESSOR SURDO	04	01	02	-	02	09
PROFESSOR OUVINTE	10	-	09	02	-	21
OUTRA PESSOA	-	-	-	-	-	-
QUAL	01	-	-	-	-	01
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	26	03	11	08	05	53

35. CONCORDA QUE LIBRAS TEM O MESMO VALOR QUE QUALQUER LÍNGUA ORAL

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
CONCORDA	19	02	10	07	04	42
NÃO CONCORDA	-	-	-	-	-	-
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	01	-	-	-	01
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	19	03	10	07	04	43

36. ONDE SEU (A) FILHO (A) GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
EM CASA	02	01	02	03	01	09
NA ESCOLA	15	03	06	06	03	33
NA IGREJA	02	-	03	01	02	08
NO SHOPPING	02	-	03	01	-	06
NA RUA	02	-	02	01	-	05
NA PRAIA	02	-	02	01	-	05
EM OUTROS LUGARES	03	-	04	01	-	08
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	28	04	22	14	06	74

37. ONDE SEU (A) FILHO (A) GOSTA MENOS DE USAR LIBRAS

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
EM CASA	10	02	05	-	03	20
NA ESCOLA	02	-	01	-	-	03
NA IGREJA	-	-	01	01	01	03
NO SHOPPING	-	01	-	-	-	01
NA RUA	02	01	-	-	-	03
NA PRAIA	01	01	01	-	-	03
EM OUTROS LUGARES	-	-	01	02	-	03
NÃO SABE	03	-	01	-	-	04
NÃO RESPONDEU	01	-	-	01	-	02
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	19	05	10	04	04	42

SOBRE SURDOS

46. NA SUA OPINIÃO OS SURDOS (AS) SÃO

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
PESSOAS DEFICIENTES	03	03	02	02	01	11
PESSOAS COM PERDAS AUDITIVAS	16	-	07	04	02	29
PESSOAS PERTENCENTES A UMA MINORIA LINGÜÍSTICA	06	01	04	02	01	14
PESSOAS PERTENCENTES A UMA COMUNIDADE SURDA	04	01	04	03	-	12
NENHUMA DAS RESPOSTAS	-	-	01	-	-	01
OUTRA? QUAL?	01	-	-	01	-	02
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	01	-	-	-	-	01
TOTAL	31	05	18	12	04	70

109. VOCÊ CONVERSA COM SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) EM

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
LIBRAS	07	01	04	02	01	15
GESTOS	09	03	06	01	03	22
MÍMICA	05	03	03	-	02	13
LINGUAGEM PRÓPRIA	03	01	02	01	02	09
MISTURA DE PORTUGUÊS E SINAIS	10	01	03	04	01	19
PORTUGUÊS ESCRITO	05	01	03	-	-	09
ATRAVÉS DE INTÉRPRETE	03	-	-	-	-	03
DATILOGRAFIA (ALFABETO MANUAL)	04	-	01	-	01	06
OUTRA	01	-	01	-	-	02
QUAL	-	-	-	-	-	-
LABIAL	-	-	-	-	-	-
NÃO RESPONDEU	-	-	-	-	-	-
NÃO SABE	-	-	-	-	-	-
EM BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	47	10	23	08	10	98

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DOS ESTUDANTES SURDOS, UTILIZADO NA PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS – SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE

CONDIÇÃO DE SER SURDO

28. QUAL A PRIMEIRA LÍNGUA QUE VOCÊ APRENDEU?

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
LIBRAS	07	01	03	06	02	19
PORTUGUÊS	13	03	06	02	02	26
NR	01	-	01	-	-	02
BRANCO	02	-	-	-	-	02
TOTAL	23	04	10	08	04	49

29. QUAL IDADE VOCÊ COMEÇOU A USAR LIBRAS?

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
0 - 5	05	-	01	01	-	07
6 - 10	03	02	02	05	01	13
11 - 15	13	01	04	01	03	22
16 - 20	-	-	01	-	-	01
21 - 25	-	-	01	-	-	01
NS	02	01	01	01	-	05
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

30. QUEM ENSINOU LIBRAS A VOCÊ?

	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	TOTAL
PAI	-	-	-	-	-	-
MÃE	04	01	-	01	-	06
IRMÃO/IRMÃ	01	-	-	-	-	01
OUTRO PARENTE	02	-	-	-	-	02
AMIGOS SURDOS	15	03	09	01	02	30
PROFESSOR SURDO	05	02	01	05	-	13
PROFESSOR OUVINTE	06	-	01	03	-	10
OUTRA PESSOA	-	-	-	-	-	-
OUTRAS. QUAIS	02	-	-	-	02	04
NS	-	-	-	-	-	-
NR	-	-	-	-	-	-
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	35	06	11	10	02	66